

Eletoconvulsoterapia: uma mini revisão de literatura

Ana Angélica Leite Xavier¹, Enrico Raymundo Messias¹, João Izza Neto¹, Virgínia Gomes Caixêta¹, Yasmin Emanuelle do Nascimento Solano¹, Wesley Gomes da Silva².

1. Discente do curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.

2. Docente curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.

RESUMO: Esta mini revisão integrativa explora o histórico da eletroconvulsoterapia no país, e também a relação desse tipo de terapia com outros tratamentos, traçando um paralelo comparativo. Com base em estudos, a introdução da revisão destaca a importância de compreender como esse procedimento contribui no tratamento de pacientes com transtornos mentais. Trata-se de uma mini revisão integrativa que objetivou analisar como o uso da eletroconvulsoterapia contribui para o tratamento de pacientes com transtornos mentais. A metodologia envolveu uma busca detalhada de artigos no Scielo, na PubMed, e no CBSM, resultando em 05 estudos relevantes após alguns critérios de inclusão. Os resultados evidenciam que o eletrochoque pode ser uma intervenção médica benéfica, principalmente em conjunto com psicoterápicos, para melhorar a qualidade de vida, fornecendo uma ruptura com o preconceito acerca desse tema, com dados científicos de sua eficácia. A discussão sublinha a importância dessa terapia no caso de pacientes com transtornos, além de pontuar que há ainda muita desinformação sobre esse tipo de tratamento. A conclusão ressalta a necessidade de mais pesquisas sobre a ECT para garantir sua utilização eficaz e segura, visando melhorar a prática clínica e a qualidade de vida dos pacientes. Em última análise, a revisão destaca a importância do acompanhamento médico e de enfermagem de qualidade, apesar das preocupações sobre seus potenciais efeitos adversos e o estigma associado ao tratamento.

**Pala-
vras-
chave:**
Eleto-
convul-
sotera-
pia;
Tras-
tornos
mentais;
Farma-
cologia;
Depres-
são; Psi-
cose.

INTRODUÇÃO

A Eletroconvulsoterapia (ECT), também conhecida como “eletrochoque” ou “convulsoterapia elétrica”, é um procedimento médico que utiliza correntes elétricas breves para induzir convulsões controladas no cérebro. Apesar de suas polêmicas raízes, a ECT passou por significativas evoluções e hoje se configura como uma alternativa terapêutica eficaz e segura para diversas condições psiquiátricas. No

Brasil, em seu início, na década de 1970-80, a ECT era utilizada de forma inadequada de forma “manicomial”, o que gerou uma associação negativa e injusta à prática. Felizmente, com o avanço dos anos, a ECT foi resgatada e hoje é regulamentada e aplicada de forma segura e ética. É crucial desmistificar a visão distorcida da ECT, há vários estudos científicos que comprovam a eficácia da ECT no tratamento de transtornos mentais¹. Observou-se, em pacientes com esquizofrenia, que o tratamento com antipsicóticos associados à ECT se apresenta mais eficaz para a prevenção de recaídas do transtorno mental do que o tratamento de pacientes com intervenção exclusivamente medicamentosa².

A ECT é uma alternativa de tratamento que exige uma avaliação clínica prévia para que haja verificação das condições vasculares, neurológicas, respiratórias, entre outras, a fim de garantir o sucesso do tratamento, e para isso, os profissionais devem estar adequadamente capacitados para prover cuidado de forma adequada às pessoas submetidas à ECT, de modo que sejam avaliados os benefícios e malefícios do tratamento a cada paciente³. Há, contudo, falhas metodológicas e éticas nas pesquisas que o respaldam como eficiente terapia. Tendo em vista o reconhecimento por parte de alguns pesquisadores de vieses tendenciosos à valorização da ECT nas produções entre 1980 e 2000 (época de maior incidência de estudos), houve a tendência de estudiosos desconsiderar sua validade científica e, atualmente, muitos consideram que todo o conhecimento sobre o uso da ECT pode estar comprometido, pois as pesquisas posteriores não objetivaram corrigir os erros metodológicos dos estudos anteriores, mas sim corroborar os achados até então obtidos⁴. Já quando envolvidos pacientes depressivos e com prévias tentativas de suicídio, os benefícios somavam-se aos das medicações e psicoterapia. Contudo, pelo histórico de violência nos hospitais psiquiátricos e pelo uso antiquado da ECT como prática punitiva no passado, a percepção dos familiares, em primeiro momento, é a de repudiar e negar o tratamento a seus dependentes⁵.

A partir disso, o seguinte estudo tem como objetivo analisar como o uso de eletroconvulsoterapia contribui para o tratamento de pacientes com transtornos mentais.

METODOLOGIA

Trata-se de uma mini revisão integrativa da literatura, que buscou responder à pergunta norteadora: “Como o uso de eletroconvulsoterapia contribui para o tratamento de pacientes com transtornos mentais?” Os artigos foram buscados na base de dados Scielo (Scientific Electronic Library Online), PubMed e CBSM (Cadernos Brasileiros de Saúde Mental), utilizando os descritores: “eletroconvulsoterapia”; “transtornos mentais”; “farmacologia”; “depressão”; “psicose”, utilizando entre eles o booleano (AND). Utilizou ainda o booleano (NOT) seguido do descritor “revisão de literatura”.

Foram encontrados 39 artigos em março de 2024. Os critérios de inclusão utilizados foram artigos publicados nos últimos 10 anos, em português e inglês, gratuitos, foram excluídos artigos de revisão, capítulo de livro e teses e dissertações. Dos 39 artigos, foram escolhidos 12 baseando-se na leitura

do título e do resumo. Posteriormente, foram excluídos 7 artigos que não respondiam diretamente à questão norteadora, assim, 05 artigos foram incluídos na mini revisão.

RESULTADOS

Os resultados apresentados nos cinco artigos selecionados, nesta mini revisão integrativa, será descrita em um panorama geral por meio do **Quadro 1**.

Quadro 1: Artigos incluídos na análise da mini revisão integrativa de literatura, separados por autor/ano, desenho do estudo, objetivo, e conclusões.

Autor / ano	Desenho de estudo	Objetivo	Conclusão
Oliveira et al., 2022	Estudo qualitativo, descritivo.	Discutir a percepção familiar de pacientes com diagnóstico de transtornos de humor submetidos ao tratamento com eletroconvulsoterapia.	É necessária a realização de pesquisas que avaliem a adesão à eletroconvulsoterapia pelos pacientes e a compreensão sobre seus riscos e benefícios.
Oliveira, 2019	Análise retrospectiva.	Examinar como foi produzido conhecimento sobre eletrochoque que levou afirmação de seus benefícios terapêuticos e de sua inocuidade	Há estudos recentes que questionam a eficácia do eletrochoque, mas dados contraditórios não são amplamente divulgados em periódicos psiquiátricos. Embora os métodos de controle de efeitos colaterais tenham evoluído, os efeitos centrais permanecem inalterados.
Guimarães et al, 2018	Estudo sócio-histórico	Descrever o cuidado de Enfermagem realizado pela equipe de Enfermagem à pessoa com transtorno mental submetida à ECT e analisar as implicações da Reforma Psiquiátrica nesse cuidado.	Após a regulamentação da prática de ECT, houve um embasamento das responsabilidades técnicas, para assegurar a integridade física do paciente com transtorno mental e prevenção de danos durante o procedimento.
Gul et al, 2014	Análise retrospectiva	Avaliar a eficácia da ECT de continuação na prevenção de recaída em pacientes com esquizofrenia resistente ao tratamento.	Embora este estudo mostra limitações causadas pela análise retrospectiva de prontuários, os resultados sugerem que a continuação da ECT em combinação com antipsicóticos é mais eficaz do que somente os antipsicóticos, na prevenção da recaída em pacientes com diagnóstico de esquizofrenia que responderam ao curso agudo de ECT.

Gatto, 2021	Estudo epidemiológico com delineamento transversal.	Caracterizar o perfil socio-demográfico e clínico dos pacientes submetidos à ETC.	Houve a caracterização dos pacientes submetidos a eletroconvulsoterapia a em 8 anos, utilizando como enfoque as características socioeconômicas e clínicas.
-------------	---	---	---

Com relação a esses entraves, o estudo de Oliveira *et al.*, revela pontos significativos quanto ao ponto de vista da família do paciente. Entre os relatos, há destaque em alguns efeitos observados pelos parentes como déficits de memória retrógrada e anterógrada devido à ECT. Em contrapartida entre os benefícios apontados pela literatura, elencam-se a melhora do humor, a redução da ansiedade e estresse, além de efeitos colaterais menores e respostas rápidas, quando a ECT é comparada à terapia medicamentosa. Por fim, o uso de ECT foi associado a menores tempos de internações e vantagens de custo-benefício⁵.

Além disso, Oliveira traz dados sobre alguns pontos negativos a respeito do tratamento, uma vez que aponta que muitos estudos indicam que a ECT pode representar um risco significativo para pacientes idosos, especialmente quando coexistem comorbidades médicas, comuns nessa faixa etária. Uma pesquisa realizada pela Universidade Brown em 1993 com 65 pacientes hospitalizados acima de 80 anos revelou que, ao longo de três anos após o tratamento, os pacientes submetidos à ECT apresentaram uma taxa de mortalidade significativamente mais alta em comparação com o grupo controle tratado apenas com medicação (27% versus 3,6%). Além disso, estudos conduzidos na Universidade Washington em Saint Louis em 1987 e no Centro Médico Cornell de Nova York em 1984 sugerem que complicações pós-ECT, como problemas cardíacos e pulmonares, aumentam com a idade. Um estudo adicional realizado em 1982 pela clínica Payne Whitney, de Nova York, revelou que 28% dos 42 pacientes tratados com ECT desenvolveram problemas cardíacos, enquanto 70% daqueles que já apresentavam tais problemas sofreram complicações adicionais⁴.

De acordo com Gatto, o estudo analisou pacientes submetidos à eletroconvulsoterapia entre 2013 e 2020, com a maioria recebendo de 6 a 10 sessões, principalmente para depressão e esquizofrenia, associadas ao uso de antidepressivos e antipsicóticos. Os pacientes eram predominantemente mulheres, adultos, brancos, casados, de Tubarão-SC, com ensino médio completo, católicos e acessando a ECT por via particular⁶.

Na análise, observou-se 82 prontuários de dois hospitais, em que cerca de 47% eram diagnosticados com transtorno depressivo, com uma média de idade de 45 anos e uma mediana de 9 sessões, alcançando um máximo de 25. Consequente, é notório que não há prejuízo e/ou danos na conciliação entre a ECT e a utilização de fármacos, e, em alguns casos, o tratamento combinado com antipsicóticos promoveu um melhor desfecho clínico e um aumento na qualidade de vida⁶.

Ademais, menciona-se que o tratamento não é padronizado, devendo ser feita a avaliação individualmente, avaliando a quantidade de sessões necessárias para cada caso. Embora os resultados sejam promissores, é importante ressaltar que o estudo possui algumas limitações, como o seu desenho retrospectivo e o tamanho da amostra, o que pode limitar o poder estatístico para detectar diferenças significativas entre os grupos⁶.

O estudo do Gul *et al.*, realizou uma comparação entre três diferentes grupos de pacientes: aqueles que receberam apenas tratamento antipsicótico (somente AP), aqueles que receberam ECT aguda durante a hospitalização (aECT+AP) e outros que receberam ECT aguda e continuação da ECT (a-cECT+AP). Esses três grupos foram avaliados de acordo com a pontuação atribuída na *Positive and Negative Syndrome Scale* (PANSS) e na *Brief Psychiatric Rating Scale* (BPRS), nos períodos de acompanhamento 1º, 3º e 6º mês. As pontuações do grupo a-cECT+AP foram mais baixas no 3º e 6º, demonstrando uma melhoria significativa em relação aos outros grupos, além de mostrar-se mais eficaz na prevenção de recaídas em pacientes que responderam ao tratamento agudo de ECT. Com isso, ressalta-se a importância de considerar essa opção terapêutica em casos de resposta inadequada aos tratamentos convencionais².

Por fim, Guimarães *et al.* afirma que, quando bem avaliada, a ECT é um tratamento seguro e, na maioria das vezes, apresenta menos danos e maior eficácia quando comparado com os psicotrópicos, além de oferecer resposta rápida e necessária em alguns casos. Além disso, destaca também o fato de que o uso de anestésicos no tratamento exige uma avaliação mais rigorosa, pois além dos riscos da ECT em si, são somados também os riscos dos medicamentos anestésicos, e isso reforça a necessidade da capacitação da equipe médica responsável por esses pacientes³.

CONCLUSÃO

Os artigos analisados evidenciam a eficácia da eletroconvulsoterapia como uma opção de tratamento, destacando tanto seus benefícios quanto suas limitações. A ECT demonstra ser efetiva no tratamento de diversos transtornos mentais, incluindo depressão grave, transtorno bipolar, esquizofrenia e outras condições psiquiátricas que não respondem a tratamentos, além de aliviar sintomas como tristeza, apatia, ideações suicidas e crises de mania. Ademais, os estudos indicam que a combinação de ECT com antipsicóticos é mais eficaz do que o uso somente dos fármacos na prevenção de recaídas em pacientes com esquizofrenia, por exemplo.

No entanto, é crucial avaliar individualmente cada caso, considerando a necessidade da ECT quando a medicação não surte efeito ou quando há resistência ou intolerância à farmacoterapia. Os aspectos negativos incluem o desconforto, por alguns pacientes, com os choques do procedimento, as complicações relacionadas à anestesia e a falta de informação acerca desse tratamento, o que limita a adesão de muitos pacientes. Portanto, é necessário que mais pesquisas sejam realizadas para garantir o

uso cauteloso e ético desse tratamento, e para que seja desmistificado na sociedade, visando proporcionar uma melhor qualidade de vida para um maior número de pacientes com transtornos mentais.

REFERÊNCIAS

- ¹ GUIMARÃES, J. C. da S. et al. Cuidados de enfermagem em terapia eletroconvulsiva no período pré-reforma psiquiátrica numa instituição brasileira. **Revista de Enfermagem Referência** 2023, Série VI, nº2, Supl. 1: e21138 pp. 1 - 7.
DOI: 10.12707/RV21138 Acesso em: 08 abr. 2024.
- ² GUL, I. G. et al. Evaluation of the efficacy of the continuation electroconvulsive therapy in treatment-resistant schizophrenia. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 41, n.4, p. 90-94, 2014.
Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-60830000000018>. Acesso em: 08 abr. 2024.
- ³ GUIMARÃES, J. C. DA S. et al.. Electroconvulsive therapy: historical construction of nursing care (1989-2002). **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 2743–2750, 2018.
Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0168>. Acesso: 12/05/2024
- ⁴ OLIVEIRA, W. F. de. Eletroconvulsoterapia (ECT) / Eletrochoque: A produção de evidências sobre seu uso, eficácia e eficiência. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, [S. l.], v. 11, n. 28, p. 46–68, 2019.
DOI: 10.5007/cbsm.v11i28.69772. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69772>. Acesso em: 08 abr. 2024.
- ⁵ OLIVEIRA, J. M. V. et al. Patients diagnosed with mood disorders treated with eletroconvulsive therapy and family perception. **SMAD, Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** 2023;19:e-167997
<https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2023.167997> Acesso em: 08 abr. 2024
- ⁶ GATTO, A.L; SANTOS, E.M. dos. Eletroconvulsoterapia: Caracterização dos Pacientes Atendidos em Hospitais no Sul Catarinense. **Revista da AMRIGS**, Porto Alegre.
ID: biblio-1425054 Acesso em: 08 abr. 2024
- ⁷ MIRANDA, J. da S. et al. Convulsoterapias na prática psiquiátrica brasileira. **Revista de Enfermagem Referência**, v.serIV, n.21, 2019;
<https://doi.org/10.12707/RIV18082> . Acesso em: 08 abr. 2024
- ⁸ CALDERÓN-FAJARDO, H. et al. Electroconvulsive therapy in Parkinson’s disease. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria** [online]. 2015, v. 73, n. 10 pp. 856-860.
<https://doi.org/10.1590/0004-282X20150131>. Acesso em: 08 abr. 2024.
- ⁹ MOSER, C. M.; LOBATO, M. I.; BELMONTE-DE-ABREU, P.. Evidências da eficácia da eletroconvulsoterapia na prática psiquiátrica. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 27, n. 3, p. 3020242–310, set. 2005.
<https://doi.org/10.1590/S0101-81082005000300009>. Acesso em: 08 abr.